

PARA ALÉM DE BEATRICE: A REPRESENTAÇÃO FEMININA NOS PERSONAGENS SECUNDÁRIOS NO CANTO II DO INFERNO DE DANTE ALIGHIERI E SUA IMPORTÂNCIA PARA O ENREDO DA OBRA.

Matheus Alexandre Nazário da Silva¹
Rita de Cássia Alves de Lima Silva²
Débora Cavalcantes de Moura Clemente³

RESUMO

Com o surgimento do amor romântico no ocidente, o final do século XI se caracterizou pela incapacidade de realização pelo caráter abstrato concedido a condição feminina. Esse amor encontrou uma forte ligação na figura da mulher idealizada pelo trovadorismo, onde no século XIV, Dante Alighieri foi um dos principais representantes da transformação do amor para com a mulher de uma forma mais espiritualizada. O poeta, utilizando *o dulcestilnuovo* da época, elevou a mulher a uma condição sagrada da concepção de amor desenvolvida pela milícia do seu tempo. O presente artigo busca compreender as imagens dadas a mulher medieval no Canto II do seu livro “Inferno” presentes na obra máxima, *Commedia* e de que maneira os personagens secundários do presente canto contribuem para a desenvolvibilidade do enredo da obra. Este artigo foi estudado à luz dos estudos de BURCKHARDT (2009); ROUGEMONT (2003); SANTAELLA (2008) e trechos do poeta Dante Alighieri, a exemplo dos cânticos de *Commedia*.

Palavras-chave: Amor, *Commedia*, Dante Alighieri, Imagem da mulher, Personagem secundário.

INTRODUÇÃO

Com versos que falam de amor, saudades, sofrimentos e até solidão, Dante chega a ser chamado de *sommo poeta* (Poeta máximo). Isso porque, desde pequeno, ele começa a ter suas inspirações tanto políticas quanto amorosas e inicia sua escrita a qual o leva a escrever um dos maiores clássicos da literatura, “*Commedia*”.

Apaixonado pela sua terra e pela sua “Nobilíssima Dama”, Beatrice, Dante muda o conceito de amor clássico quebrando a imagem da mulher apenas como um objeto material e

¹ Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Letras- Português/Inglês e suas respectivas literaturas, das Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão - FAINTVISA, matheusnazario2011@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Licenciatura plena em Letras- Português/Inglês e suas respectivas literaturas, das Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão - FAINTVISA, rita.alves.lima@outlook.com;

³ Docente do curso de Licenciatura plena em Letras pelas Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba- UF, dcm22letras@gmail.com;

a transforma em algo intangível ou até mesmo espiritual. Por isso, este artigo tem como foco analisar de que maneira a imagem da mulher é representada no Canto II da “*Commedia*” de Dante.

A análise desses discursos será iluminada pela noção Semiótica, conforme Santaella (2008) e pela semântica argumentativa presentes na narrativa. O amor é um dos elementos constantes que perpassam os cantos de Dante Alighieri, representante trovador literário do que se convencionou chamar de *dulce stil nuovo*, porque caracteriza uma nova visão sobre a escrita quebrando não só a forma épica, mas quebrando também, a partir de Dante, a imagem ultrapassada da mulher medieval, colocando-a de uma maneira mais espiritual e tratando a mesma como um ser superior. Beatrice, *v.g.*, é representada como intangível e uma figura celestial, destituída de pecado.

No entanto, faremos aqui uma inflexão sobre o lugar comum, o de analisar Beatrice, e tomaremos como objetos de análise as representações de S. Luzia e Raquel, personagens históricos e bíblicos também representados na “*Commedia*” na obra de Dante. Ambas as mulheres são personagens secundários, mas com participações decisivas na trama.

A escrita literária de Dante, apesar de tão bem conhecida nas esferas literárias, ainda requer certo debruçar sobre a forma como são tecidas suas metáforas e de que maneira elas constroem no plano expressivo tanto para com o amor quanto para a visão da mulher.

Por isso, valendo-se de campos semânticos, Dante vai tecendo seu poemário e se utiliza no universo metafórico para imprimir no leitor o próprio sentimento amoroso e febril que inquieta sua alma, mostrando ainda que a mulher, não era apenas um objeto para os prazeres da carne e para os cuidados domésticos, mas sim algo divino. A representação de Santa Luzia e de Raquel são exemplos disso.

METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho bibliográfico e parte do cotejamento analítico entre o Canto II e demais textos que tratam sobre os aspectos da condição feminina na “*Commedia*”. Foram analisados artigos sobre a obra, além de textos que discutem e retratam sobre a condição feminina dos séculos XI a meados do XVI a exemplos de autores como Le Goff (2014) e a

análise dos discursos presentes no artigo são à luz da análise semiótica conforme os estudos de Santaella (2008).

DESENVOLVIMENTO

A imagem da mulher na Idade Média

O conteúdo escrito pela mulher na época medieval é praticamente inexistente. Tudo o que se sabe sobre a mulher naquela época é exclusivamente narrado pela visão do "outro", ou seja, uma visão masculina. Contrastando a essa afirmação, estudos históricos e literários apontam uma forte presença ideológica da mulher no período do Trovadorismo, onde a presença da mulher era muito forte na sua poesia lírica. Surgido em meados do século XI e influenciando toda a Europa, o Trovadorismo foi a primeira escola literária/estilo de época ao qual mostrou a imagem da mulher, idealizando-a e mostrando um *ethos* intangível, divino, etc.

Vale ressaltar que a mulher medieval tinha valor muito relativo, uma vez que, pela visão da época, a mulher foi a responsável por fazer o homem pecar. Sendo assim, a mulher era um instrumento de tentação para o homem ou “portadora do pecado”. O olhar que guiava os outros olhares da época era carregado de uma visão “machista-cristã” que era temerosa e avessa à presença feminina nas relações político-sociais, buscando então intimidar qualquer manifestação apresentada por esta.

Na época em questão, pode-se notar que mesmo a visão feminizada Idade Média é contada por homens. Logo, a imagem da mulher nesse tempo era uma imagem frágil, secundária, destinada apenas à reprodução e aos cuidados da casa. Mesmo com essa visão, a mulher poderia ganhar algum cargo na igreja; nada tão importante, mas uma posição que não a deixasse escandalizar ou querer contrastar os desejos da igreja e do seu marido. Pernoud (1978) ainda afirma que além da grande influência na esfera eclesiástica, as mulheres também tinham destaque fora dos conventos e abadias:

Nos atos notariais é muito frequente ver uma mulher casada agir por si própria, abrindo, por exemplo, uma loja ou um negócio, e isto sem ser obrigada a apresentar uma autorização do marido. Finalmente, os registros das derramas (nós diríamos os registros dos recebedores), quando nos foram conservados, como é o caso de Paris, no fim do século XIII, mostram uma multidão de mulheres que exerciam profissões: professora, médica, boticária, educadora, tintureira, copista, miniaturista, encadernadora, etc. (PERNOUD, 1978, p. 95.)

Já alguns escritores modernos como Jacques Le Goff(2014) afirmarão que nessa época, do século XI ao século XV, já se vivenciava um início de visão da mulher de uma maneira quase moderna, idealizando-a e colocando-a não mais como um objeto, mas sim como um ser que merece respeito.

“As mulheres puderam, enfim, se tonar monacais (viver em conventos) além de desempenhar papéis decisivos em relação à espiritualidade, exercendo grande influência na sociedade, como Santa Radegunda, Santa Clara e Joana D’Arc.” (LE GOFF, 2014, p. 448).

Diante disso, pode-se notar que mesmo sendo vitimas de uma sociedade machista, devido a visão da época ser voltada para o teocêntrismo, as mulheres buscavam a sua liberdade buscando a Deus, ainda havia mulheres que conseguiam realizar algo mais do que apenas servir à igreja, aos seus maridos e ao seu lar.

Resumo do Canto II da “Commedia”

No canto II, Dante ainda está temeroso quanto a seguir Virgílio porque ele não se sente digno de tal viagem. Logo em seguida, Virgílio o conta que quem o enviou foi a sua *beata*, a mulher que ele mais amou em vida, Beatriz, que por amor conseguiu conversar com ele e pedir-lhe auxílio. Virgílio narra que a questiona porque ela se arriscou para sair do paraíso e encontrá-lo para pedir que o poeta guiasse Dante. Beatriz, emocionada, conta que estava nos campos quando Raquel, mulher de Jacó, questiona Santa Luzia querendo saber se ela não ajudaria aquele que a ela foi tão devoto, que era Dante. Santa Luzia vai então em direção de Beatriz e pergunta se ela não ajudará aquele que mais a amou em vida e em morte.

Após essa cena, Virgílio questiona Dante quanto aos motivos de seus medos, já que há três mulheres abençoadas que aguardam por ele no céu. Dante, então, torna-se mais disposto a fim de encontrar aquela a qual ele amou na infância que agora aguardava por ele em terras as quais Dante sequer ousou pensar que visitaria, muito menos acompanhado da sua Nobilíssima Dama. Perceba que mesmo com medo de seguir em frente, Dante acaba indo com Virgílio por causa da atitude da sua amada. Pode-se então afirmar que, mesmo diante da adversidade, o ato de uma mulher foi o estopim para que Dante iniciasse a jornada dele.

Presença de Santa Luzia no Canto II

Santa Luzia ou Santa Lúcia, como é conhecida na Itália, faz parte do panteão católico, sendo uma santa muito reconhecida no mundo todo por interceder pelos que não veem. Luzia

ou Lúcia que deriva do Latim e significa *luz* foi um exemplo de devoção a Deus. Ela foi criada na Itália e decapitada no ano 303, sendo prometida em casamento, mas como era muito devota, prometeu ser casta e dedicar-se a Deus. Como no seu tempo as famílias já compactuavam o casamento dos seus filhos, não para a felicidade deles, mas para uma questão político-social, Luzia não tinha muita escolha, mas ela não queria entregar-se. Assim, Luzia enfrentou a corte da época e foi condenada. Arrastaram-na para um prostíbulo, mas conta-se que nem mesmo 10 homens conseguiram tirá-la do chão. Mesmo sofrendo muito, ela faleceu depois que arrancaram a sua cabeça com uma espada.

Como já mencionado, Luzia é conhecida por ser a intercessora dos que não veem, pois há uma história que diz que ela preferiu entregar os seus olhos ao carcereiro da prisão a pecar contra Deus. A santa é apresentada na Divina Comédia no Canto II, sendo indagada por Raquel, pelo fato de não ajudar um homem que a ela foi tão devoto. No mesmo instante, Luzia vai até Beatrice e conta que o rapaz que tanto a amou agora estava perdido e que esse era o momento que Dante mais precisava dela: “Não vais salvar quem mais te amou e por ti se elevou do povo vulgar?” (ALIGUIERI, 1999, p. 43) – indaga Luzia à Beatrice.

Que a palavra que Luzia encaminha para Beatrice é o marco inicial para que a Nobilíssima Dama (como Dante refere-se a Beatrice em seu livro Vida Nova) tome consciência e responsabilidade de ir até o Limbo buscar Virgílio e pedi-lo que seja o guia daquele que mais a amou em vida e em morte.

Presença de Raquel no Canto II

Outro caractere secundário que aparece no canto II é Raquel, mulher muito conhecida na Bíblia por ser um exemplo de fidelidade e devoção, que tem muita paciência para esperar a volta de Jacó. A Bíblia relata que Isaac, pai de Jacó, pedi-o que vá à Padã-Arã, à casa de Betuel, seu avô materno e que ele se case com uma das filhas de Labão (Gênesis: 28. 1-2). Já chegando na casa do seu tio, Jacó avista Raquel, e na mesma hora apaixonou-se por ela, o mesmo a relata que é parente do pai dela e ela foge na mesma hora. (Gênesis: 29. 11-14) Desde esse dia Jacó amou a Raquel, e para conseguir tê-la como esposa, trabalhou sete anos para o seu pai.

Só que ocorreu um empecilho: como era o costume da época, a irmã mais velha deveria se casar primeiro. Em razão disso, Labão deu a irmã mais velha de Raquel, Lia, como

esposa para Jacó, e disse-lhe que para que ele se casasse com Raquel, ele teria que trabalhar mais sete anos.

Depois de mais sete anos, Jacó casou-se com Raquel e a amou muito mais do que amou a Lia. O único problema era que Raquel era estéril, logo ela teve a ideia de que uma de suas servas concebesse os seus filhos. Mesmo depois de um tempo, Raquel sentia-se triste, pois não conseguia conceber, mas a Bíblia relata que “Deus se lembrou de Raquel e abriu sua madre” (GENESIS 30; 22) Daí ela conseguiu enfim, conceber, mas Raquel morreu no parto de seu segundo filho.

Na ‘Divina Comédia’, Raquel é a indagadora de Santa Luzia, a mesma questiona a santa perguntando-lhe se ela não ajudará quem tanto foi devoto a ela; “Aquele teu adepto fiel precisa de tua ajuda e a ti recomendo” (ALIGUIERI, 1999, p. 43) – indaga Raquel a Luzia no Canto II. Diante de tudo isso, pode-se perceber que por um caractere que não tem um papel longo no clássico em si, mas se desencadeia todo um enredo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. A Semiótica no Canto II do Inferno

No livro *O que é semiótica?*, Santaella (2008) faz referência a palavra *semeion*, que em grego quer dizer signo. Logo, a semiótica é considerada a ciência dos signos e de todas as linguagens verbais e não verbais. Ela abrange diversas áreas do conhecimento onde haja linguagem oral, escrita, gestual, desenhada, corporal, etc. Por isso, a autora diz que “a semiótica é a ciência que estuda todas as linguagens possíveis, ou seja, tem como objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significado e de sentido” (SANTAELLA, 1985, p. 15)

Para que possamos compreender melhor a semiótica na fala dos caracteres de Santa Luzia e Raquel, é preciso que a fala delas seja analisada pela tríade semiótica de Peirce (1905) Para o autor, “as pessoas exprimem o contexto à sua volta através de uma tríade” (PEIRCE, 1905) ou seja, interpretante, signo e objeto. O signo é a parte perceptível e representada de algo; o interpretante é a imagem mental e o objeto é algo propriamente dito, ao qual faz alusão ao signo, seja ele imaginário ou real.

Diante de tudo isso, foi utilizado a relação da semântica argumentativa para que possa ser explicada a fala dos caracteres pela imagem apresentando suas relações semânticas,

sintáticas e pragmáticas. Para isso, Dante usa de um universo metafórico muito dinâmico ao tecer não só a fala de seus caracteres, mas o autor também usa bem as suas descrições do lugar para fazer metáforas e deixar os seus leitores inquietos.

No Canto II do Inferno de Dante, ao utilizar Raquel para falar com Santa Lucia, o autor traz um *ethos* diferente do que era apresentado na sua época, pois quando se falava de qualquer mulher nos textos medievais entre os séculos XI a XIV era com uma visão masculina. Não que Dante não tenha tratado desta maneira, mas a sua quebra quanto a isso está quando ele não a coloca para falar como em uma Cantiga de Amigo, onde as mulheres falavam dos seus amores, mas ela a coloca como alguém que se compadece para com ele e, não podendo ajudá-lo diretamente, recorre a alguém que acredite que possa.

Raquel foi o estopim para que Beatriz chegasse a essa conclusão, pois sem ela, Santa Luzia não teria chegado até Beatriz. Façamos então uma análise no discurso de Raquel afim de convencer Luzia a ir ajudar o seu fiel devoto. Ao encontrar a santa Raquel pede a ajuda dela dizendo: “Aquele teu adepto fiel precisa da tua ajuda e a ti o recomendo”. (ALIGHIERI, 1999, p. 43)

Na obra dantesca, Raquel, ciente disso, ao ver a personagem perdida, sem conseguir ver o caminho à sua frente, usa de forma persuasiva as suas palavras para com a santa para que ela vá ajudá-lo para que ele não se perda na floresta. Fazendo uma análise por um viés semiótico, percebemos que quanto ao ramo da semântica, Raquel toma uso de um processo de contiguidade por inclusão, trazendo uns adendos repletos de significados.

Assim, queixando-se a Luzia com a apelação de que não era qualquer adepto dela, mas um adepto fiel, que nunca deixou de reverenciá-la. Por isso, Raquel não pede a Luzia que o ajude, mas sim a recomenda porque Dante, agora mais do que nunca precisa da ajuda da santa que ele sempre acreditou.

Santa Lucia, por ser conhecida por interceder pelos que não viam, vai atrás de Beatriz e convence-a de ajudá-lo. Façamos uma relação semântica, pragmática e sintática da fala de Luzia/Lucia para Beatriz.

Luzia ao ver Beatriz, musa inspiradora de Dante, pergunta-o: “Não vais salvar quem mais te amou e por ti se elevou do povo vulgar?” (ALIGHIERI, 1999, p. 43) O processo de relação semântica ocorre na fala de Luzia por complementaridade. O texto verbal expressado por ela traz um peso semântico muito forte a Beatriz, pois quem está precisando dela neste

momento não é qualquer pessoa, mas aquele que mais a amou e sacrificaria tudo por ela. Além disso, a fala de Luzia demonstra um forte empoderamento feminino ao fazer com que seja a mulher quem salva o homem, e não o contrário.

No que diz respeito à Pragmática, a fala da Santa traz um *ethos* permeado por um viés sócio-ideológico, pois não se sabe se Beatriz sequer chegou a conhecer Dante de verdade. O próprio Dante diz no seu livro *Vida Nova*, que viu Beatriz com 9 anos de idade e só voltou a vê-la com 18 anos. Há a relação pragmática na fala de Luzia pelo fato de que Dante realmente foi aquele que mais amou a Beatriz mesmo que ela não soubesse.

Vale frisar que, após essa fala no texto é que Beatriz vai em busca de Virgílio, podendo assim concluirmos que Luzia foi aquela que intercedeu por Dante e fez com que ele fosse salvo da selva escura.

Sobre a Relação Semântica, o texto verbal utilizado na fala de Luzia está em um processo de contiguidade por inclusão. Sob uma visão de destaque na fala de Luzia ao utilizar “aquele que mais te amou e por ti se elevou do povo vulgar”. Trazendo palavras cheias de significados para a função de tocar Beatriz para que fosse salvar aquele que mais a amou.

1.1- Análise da imagem



Beatrice pedindo que Virgílio guie Dante. Fonte: Internet⁴

⁴Disponível em: <https://pt.wikisource.org/wiki/A_Divina_Com%C3%A9dia/Inferno/II> Acesso em: acesso em 20 Jun. 2019.

Fazendo uma análise semiótica pela imagem acima, utilizaremos as três dimensões do signo segundo Peirce (1887). O autor afirma que o signo possui três dimensões que devem ser analisadas, sendo elas: ícone, índice e símbolo. Além disso será feita uma análise imagem x texto quanto a fala de Beatrice para com Virgílio.

É notório ver o indício da imagem acima observando que Beatrice, musa de Dante durante toda a sua vida, sendo um caractere superior traz um indício de divindade, ao ganhar um destaque transbordando luz e foco para sí. Ela traz um indício de pureza e de amor por ser a mulher a qual o autor da obra sempre amou. Dore (1861), artista o qual pintou a imagem acima ao deixar o foco de briho nela e em Virgílio traz um destaque aos dois caracteres principais, além de indicar que ambos não são caracteres quaisquer, mas sim caracteres aos quais Dante sempre respeitou com imenso respeito.

Tratando-se do campo do ícone, e sabendo que Virgílio realmente existiu, o criador da imagem tanto o usa como ícone de uma representação real como também usa a imagem de Beatrice Portinari, mostrando assim não dois personagens fictícios, mas pessoas reais. Diante disso, é fácil notar a representação simbólica de ambos os personagens: Virgílio, poeta renomado representando a sabedoria e a filosofia a qual Dante dedicou a sua vida e, Beatrice representando não o amor *eros*, carnal, mas o amor *Ágape*, um amor espiritualizado.

2.2- Relações de imagem x texto

Categoria 1- Relações Pragmáticas:No caso da figura,o processo pragmático pelo qual a imagem foi estruturada é de etiquetamento, uma vez que Beatrice ganha destaque pelo brilho e o seu discurso dizendo que ela está oferecendo uma missão à Virgílio, onde por um viés social seria impossível, mas ela não é uma mulher qualquer, mas sim Beatrice.

Categoria 2- Relações Semânticas: O processo de relação semântica trabalhado na figura acima é por complementaridade, ciente de que tanto no texto verbal, carregado de um valor ideológico quando Beatrice fala: “*I Who now bid thee on this errand forth, am beatrice* (Eu que agora te ofereço nesta missão, sou beatrice)” (DORE, 1861) quanto a imagem em si dando um destaque maior a ela e não a Virgílio ou a paisagem em sí como era de costume do século XIV. Podemos então notar que Beatrice, representada pela cor branca na imagem acima, representa a paz e o amor para Dante. Assim, é possível concluir que a ela tem uma

certa hierarquia e destaque até mesmo superando Virgílio na imagem em questão, já que o poeta está sendo iluminado pela presença dele e não pela sua grandeza.

Categoria 3- Relação Sintática: O texto verbal que se localiza na parte inferior da imagem está em um processo de contiguidade. Sabemos que a cor é um forte signo semiótico que tem linguagem própria, pois não apenas transmite como também desperta ideias, emoções, sentimentos, etc. É importante notar que a frase na parte inferior traz uma intenção de convencer Virgílio a guiar Dante por esse caminho o qual poucos percorreram. Vale ressaltar que Beatrice após receber a solicitação de Santa Luzia para que guiasse Dante encontrava-se cheia de apreço por aquele o qual mais a amou. Assim, é possível notar que ela traz um signo repleto de funções e significados afim de ajudar o poeta a encontrar o seu caminho.

Diante deste cenário, é interessante notarmos que Dante quebra o estereótipo da época quanto a mulher pelo simples fato de colocá-la como um ser intangível, espiritual, divino, ademais trabalhando a mulher que ele amou a vida inteira, a mulher a qual ele só viu aos nove anos e a reencontrou apenas 9 anos depois, é surpreendente o fato de que ela agora estava o esperando no paraíso. Assim, o autor faz essa quebra com a cultura da época que apenas enxergava a mulher como um mero objeto de prazer e dever. Além disso, ao observarmos os dois caracteres trabalhados no Canto em questão, pode-se notar que os mesmos independente de aparecerem como caracteres “inferiores” são o marco inicial para que se desencadeie todo o enredo da obra. Como é possível depreender, o destino da personagem Dante tem a intervenção decisiva de duas mulheres, Raquel e de Santa Luzia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise das falas dos personagens e do seu papel diante da obra, pode-se então concluir que Dante não só dá um *ethos* diferenciado a mulher em comparação as definições machistas as quais as mesmas recebiam na época como também desencadeia a sua obra máxima a partir da observação de um caractere secundário ao qual diversas vezes não damos atenção nas obras literárias. Sendo assim, podemos concluir que tanto Raquel quanto Santa Luzia utilizam as suas falas em um aspecto tão simbólico e argumentativo que acabam por desencadear todo o enredo da obra.

Além disso, com a representação de ambas as personagens, Dante Alighieri compõe mulheres com atitudes historicamente não esperadas, distantes do que se imaginava da condição feminina da época. Naquele momento histórico, as mulheres eram seres cuja

serventia era apenas procriar e obedecer, quase “seres inferiores”. Por isso, jamais ousariam tentar sequer falar com Beatriz, tampouco persuadi-la a convencer um grande pensador da era clássica como Virgílio.

Logo, ao demonstrarem essa atitude e fala a frente da sua época, Dante mais uma vez mostra que ainda há muito que ser estudado sobre a sua obra, pois mesmo sendo um livro do século XIV, ainda assim apresenta definições e falas as quais são presentes nos dias de hoje e que para a época seriam vistas apenas com desprezo e refuta. Porém analisando à luz da semântica argumentativa e à luz da Semiótica de Santaella (2008) pôde-se provar que o seu poemário e a sua representação feminina vai além de Beatriz, seu poemário ainda pode ser debruçado mais profundamente, mesmo que por um personagem secundário.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. **A divina Comédia, Inferno**. Tradução: Helder L. S. da Rocha. 1999.

BURCKHARDT, Jacob Christoph. **A cultura do Renascimento na Itália**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GORE, Gustave. **Beatrice bids Dante on in the Inferno canto II**. Disponível em: http://www.gutenberg.org/ebooks/8779?msg=welcome_stranger. Acesso em: 20 de Junho de 2019.

J.K. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Rio de Janeiro, Rocco, 2007. 590 p.

LE GOFF, Jacques. **Homens e mulheres na Idade Média**. Tradução: Nícia Adan Bonatti. 2014.

LEME, Miguel. **A história de Raquel**. Projeto Gospel.com 2009.

PERNOUD, Regine. **O Mito da Idade Média**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1978.

RAMOS, Ricardo. **A história de Santa Luzia**. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/brasil/conheca-a-historia-da-santa-protetora-dos-olhos/> Acesso em: 18 de Junho de 2019

SANTAELLA, L. **cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

STERZI, Eduardo. **Por que ler Dante**. São Paulo: Globo, 2008.